

**PRESA  
EM CASA**

CHARLIE GALLAGHER

**PRESA  
EM CASA**

Tradução de  
Francisco Silva Pereira

alma  
dos  
livros

# Nota do autor

Existe um grande foco na violência doméstica ao longo deste livro. Algumas cenas descrevem atos que são brutais, imperdoáveis e chocantes, podendo a leitura das mesmas ser angustiante ou traumática.

Todavia, baseiam-se em factos inequívocos. No Reino Unido, duas em cada três vítimas de homicídio são mortas por um parceiro íntimo. A maioria das vítimas de violência doméstica demora anos até procurar ajuda, se é que alguma vez o chega a fazer.

Este livro contém uma mensagem: caso reconheça uma pequena parte que seja da sua condição, ou de si mesmo, *qualquer* parte, nestas páginas, saiba que não tem de se sujeitar a essa situação; não tem de a viver. O leitor vale muito mais do que isso.

Fale com alguém. Fale com a polícia, com um colega, com uma das muitas e excelentes instituições orientadas para o combate à violência doméstica que podem ser facilmente encontradas na Internet, ou com quem puder.

**Zele pela sua segurança.**

Encontro inspiração naquilo que faço e que vejo no meu trabalho diário como detetive da polícia na linha da frente, embora os meus livros sejam totalmente fictícios. Estou ciente de que, nos meus romances, os agentes nem sempre são apresentados de uma forma positiva. Eles são humanos e cometem erros. Por vezes, também é assim na vida real, mas a maioria dos agentes é honesta e faz um bom trabalho em circunstâncias difíceis. Pelo que me é dado a ver no dia a dia, os homens e as mulheres que usam um uniforme policial encontram-se entre os melhores, e tenho orgulho de fazer parte de uma das melhores forças policiais do mundo.

Charlie Gallagher

# 1

SEGUNDA-FEIRA, MEIO-DIA

**C**hristine Lang saiu de casa com o filho bem apertado contra o peito. Scott, o seu marido, saiu logo atrás, ainda aos gritos, embora já estivessem fora de portas.

– Porque é que não podemos falar sobre isto? – berrou ele.  
– Sempre que tentamos ter uma conversa, limitas-te a fugir! Como agora!

Christine abriu a porta traseira do dois volumes, que lhe bateu no ombro quando depositou Ethan na sua cadeirinha de bebé. O pequeno contorceu-se e fez cara feia ao dar com o novo ambiente. De um modo geral, portava-se bem no automóvel e, nos seis meses anteriores, já tinham recorrido a um passeio de carro para o sossegar mais vezes do que aquilo de que ela se conseguia lembrar. Naquele dia, porém, era o marido quem reclamava, e Christine estava a ficar atrasada.

– Ouve, Scott, não tenho tempo. Vou deixar o Ethan em casa da minha mãe esta tarde para poderes trabalhar um pouco. Tenho de ir. Não estou a fugir de nada.

– Mas agiste como se eu estivesse a ser pouco razoável! Só preciso de algum tempo para trabalhar. Passei a manhã inteira a fazer as tuas tarefas e agora preciso de trabalhar!

– Sim, Scott. E eu também. E vou chegar atrasada. Se me tiveses posto a par da tua agenda um pouco mais cedo, eu podia ter gerido tudo melhor. Assim tive de alterar os planos da minha mãe para hoje, e os meus. Mas podes ter a tua paz e sossego. – Fechou

a porta traseira com um empurrão e contornou o carro até ao lado do condutor.

– Muito bem! Eu *fico* com o Ethan esta tarde! Não quero incomodar a tua querida mãezinha! – Scott abriu de novo a porta do carro e enfiou a cabeça nas traseiras.

Christine deixou-se ficar com a porta aberta, suspirou e cruzou os braços. Estava tão cansada. Tudo o que pareciam fazer ultimamente era discutir. E o resultado era sempre o mesmo, também.

Estavam ambos cansados. Durante a gravidez, todos lhes tinham dito que se tratava de uma bênção, algo que ia completar a sua pequena família. O filho era mesmo uma bênção, ela amava-o mais do que tudo, mas completar-lhe a família? Naquele momento, sentia-se como se estivesse a aguentar a família pelas costuras. Olhou para o marido debruçado sobre Ethan, a fazer barulhinhos como que a arrulhar. Scott não tinha jeito para ocultar o stresse e ela conseguia ver-lhe a cara a ficar congestionada. Era um homem alto e tinha-se curvado para entrar na traseira do carro. O fecho da cadeirinha era complicado – era preciso algum jeito para lidar com ele. Scott nunca se entendera com aquilo desde que a tinham comprado. Ela viu a mãozinha de Ethan erguer-se e enfiar-se na boca do pai. Abafou uma risada. Já tinha praticamente passado a fase de ficar stressada. Para quê? Não os levava a lado nenhum.

Scott ainda estava a debater-se com o fecho. Começava a ficar muito danado.

– Coisa estúpida! Coisa ESTÚPIDA!

Ethan soltou o som que costumava fazer antes de chorar.

– Gritar-lhe na cara não vai ajudar em nada, Scott. Tens de ter calma para soltar essa cadeirinha. Puxares por ela não vai adiantar nada. Carrega no botão vermelho.

– EU... – Ele parou. Ela viu-o respirar fundo. Scott recuou e endireitou-se para a encarar por cima do carro. – Eu estou a *carregar* no botão vermelho.

Christine esfregou os olhos e suspirou.

– Olha, Scott, o que é que estamos a fazer? Estamos a gritar um com o outro no acesso da garagem. Não queremos ser assim. Não estou chateada contigo... Sei que tens muito que fazer agora. Devíamos ter planeado melhor esta semana. Agora estou de volta ao

trabalho, vai ser um pouco mais difícil, mas havemos de conseguir. Vou levá-lo para casa da minha mãe. Ela agora já está a contar com ele, e não é nada de mais. Tens quatro horas. Aproveita-as bem! – Tentou um sorriso.

Todo o corpo de Scott estava tenso; ele parecia pronto para uma discussão, como se estivesse à espera de uma, garantidamente. Relaxou. Os ombros descaíram para a frente ao mesmo tempo. Ele retribuiu-lhe o sorriso. Parecia fraco e cansado. A noite anterior tinha sido pior do que o habitual em termos de horas de sono. O pobre Ethan estava com os dentes a nascer. Sabiam que estava com dores, devia ser terrível para o pequenino – mas também era um inferno para eles. Pensando bem, já se tinham passado quase duas semanas desde a última noite razoável de sono. Algo tinha de ceder, e, naquele momento, era a paciência de ambos.

– De qualquer forma, não consigo tirá-lo do raio da cadeira!  
– O sorriso dele aumentou.

– Derrotado por uma cadeirinha de bebé! – disse ela a rir.

Scott fechou a porta traseira.

– Muito bem, então. Vai-te lá embora. Já só tenho três horas e cinquenta e nove minutos.

Deu a volta ao carro para lhe ir dar um beijo fugaz nos lábios. Ao vê-lo voltar para casa, quase conseguiu ver também o alívio que emanava dele. Estava com uns chinelos velhos e surrados, bermudas e um confortável casaco de capuz. Se ele tivesse algum bom senso, havia de fazer uma sesta primeiro. Caramba, havia de fazer uma sesta de quatro horas. Quando arrancou, ela sentia mais do que apenas uma pontada de inveja.

Christine fazia o segundo turno num lar para idosos – em regime de permanência, por enquanto. Entre eles, tinham decidido que era a melhor maneira de cuidar do filho. Scott era arquiteto por conta própria e trabalhava em casa. Não tinha optado por aquele sistema há muito tempo. Tivessem eles sabido o que um bebé implicava, era provável que Scott tivesse continuado na sua antiga empresa, onde recebia um ordenado fixo em troca de um horário fixo.

Christine verificou o espelho – inclinado para que pudesse ver Ethan lá atrás. Ele não chorara. Parecia ter acalmado com o movimento do carro. Em breve, estaria a dormir.

Virou à direita, entrando numa das principais estradas que saíam da cidade costeira de Langthorne. Ao encontrar trânsito, escolheu a faixa que a levaria à autoestrada. A sua mãe vivia em Dover, e o local de trabalho de Christine ficava nos arredores da mesma cidade. Era um desvio de quinze minutos, e ela devia começar a trabalhar dentro de dez, mas também já passara a fase em que se poderia ter importado com isso.

Ao entrar na autoestrada, a sua visão turvou-se um pouco quando bocejou. Ouvia Ethan rir. Não fazia ideia do que ele poderia achar divertido, deitado de costas a olhar para o tejadilho. Os seus olhos pesados regressaram ao espelho retrovisor e ela sentiu-se sorrir; não havia som melhor do que aquele. Aproximavam-se os Roundhill Tunnels. A autoestrada estendia-se sobre pilares naquele troço, suspensa sobre a grande beleza natural da área de North Downs. Conseguia ver o gado de pelo comprido a pastar lá em baixo. Adiante, erguia-se um enorme monte de terra coberto de erva com a configuração de uma cúpula gigante. Os túneis atravessavam-no grosseiramente. Os pneus encontraram uma calha assim que o carro entrou na escuridão. De imediato, viu os farolins de travagem que se estendiam diante dela e tratou de usar o travão também. O carro abrandou. Os túneis não eram compridos, talvez tivessem uns duzentos metros. Também não eram completamente retos; ela conseguia ver a luz do dia emoldurada na saída oval mais à frente, à direita. Luminárias cor de laranja espalhavam-se ao longo do teto e nas paredes curvas. Teve de travar o carro por completo. A estrada passava a ter duas faixas naquele ponto e ambas estavam paradas. Christine verificou o retrovisor lateral; até onde conseguia ver, o trânsito já estava parado atrás de si. Encontrava-se agora sensivelmente a meio do túnel. Suspirou e pegou no telemóvel para verificar se havia alguma atualização do trânsito.

– Ah, gaita! – O telemóvel estava sem bateria.

Lembrava-se de o ter tirado do carregador às duas da manhã para pôr a tocar alguns sons tranquilizantes para o filho. Às vezes, resultava. Não tinha sido o caso na noite anterior. Devia ter-se esquecido de voltar a carregá-lo. Olhou para a frente. Ainda uma fila de luzes de travagem. Um movimento chamou-lhe a atenção. Havia uma figura a andar no meio das duas faixas. Os passos pareciam

masculinos, embora com um ligeiro coxear. O sujeito usava uma camisola escura com capuz, que estava puxado para cima. A cabeça encontrava-se fixada, como se dedicasse toda a sua atenção ao que tinha pela frente. Os pés seguiam pelas linhas centrais. *Porque é que alguém havia de estar a andar a pé no meio duma estrada e em sentido contrário?* Ele vinha de algures mais à frente e devia ter visto o que estava a causar o bloqueio. Christine baixou o vidro da janela. Ia perguntar-lhe o que se passava. Ele estava a aproximar-se. Pareceu abrandar, e estava cerca de dez carros adiante, a passar por um carro vermelho com a cabeça virada para ele. Parou perto da traseira e debruçou-se. Parecia estar a tatear por baixo do porta-bagagens. Depois, endireitou-se e tratou de se afastar, agora com passos visivelmente mais rápidos, o que resultava num coxear mais pronunciado. Num instante, estava ao lado dela. A janela ainda estava aberta, e ele ia passar sem parar.

– Olhe, desculpe! – chamou Christine.

Ele tinha a cara ligeiramente virada, pelo que ela mal conseguia distinguir um nariz e uns lábios que se destacavam do capuz. Não reagiu à voz e continuou em frente.

Ela debruçou-se. Pensou em gritar, mas era óbvio que ele não estava com vontade de lhe responder. Christine encolheu os ombros. Contentou-se em verificar o progresso do homem pelo espelho. A cabeça mexeu-se; virou-se para a direita como se estivesse a olhar pela janela de trás do carro dela. Então, parou perto da traseira. Virou-se de lado e, de repente, desapareceu. Ela pensou que talvez estivesse atrás do carro. Virou-se para olhar pela janela de trás e detetou movimento novamente. O homem parecia ter-se levantado detrás da bagageira. Voltou para o meio da estrada, a mão apoiada na anca, a coxear ainda mais. Ela olhou pelo retrovisor lateral, onde pôde vê-lo a afastar-se com um ritmo apressado. De repente, desatou numa corrida desajeitada. A atenção dela foi arrebatada por um trovão cuja origem parecia situar-se alguma distância mais à frente. Estava suficientemente perto para que ela sentisse as vibrações na estrada. Viu portas de carros abrirem-se mais adiante. Algumas pessoas apoiavam-se nelas, com os braços poisados na estrutura metálica. Outras fechavam as portas e afastavam-se dos seus carros. Todas elas olhavam para a frente, na direção da claridade oval da luz do dia.



Os olhos de Christine poisaram na consola central. Às vezes havia ali um cabo, onde ela podia carregar o telemóvel. Não teve tempo para procurar, a sua atenção era agora atraída para um barulho enorme, idêntico ao primeiro, mas mais próximo. Só que desta vez ela soube que não era um trovão.

A explosão percorreu o túnel com um rugido potente. O carro baloiçou na suspensão e pedaços de qualquer coisa embateram e estalaram à volta dela. Através da janela aberta, Christine conseguia ouvir o som de vidro a estilhaçar-se e a cair no chão. Baixou-se instintivamente e, de repente, os seus ouvidos estalaram de dor e o barulho que antes fora ensurdecedor parecia agora abafado, como se estivesse a ser filtrado por um monte de travessieiros. Quando a janela dianteira do carro se partiu de repente, fê-lo num quase silêncio. O carro vermelho dez veículos à frente encontrava-se agora envolto em chamas, e um fumo negro e espesso espalhava-se para cima e para os lados ao dar por si preso sob a abóbada de betão. Avançava direito a ela como uma vaga sem fim. Os carros em redor pareciam agora um pouco mais distantes e revirados, como se o vermelho os tivesse empurrado para ter um pouco de espaço. Ela conseguia ver mais portas a abrirem-se. Um homem caiu de joelhos ao sair do carro diante do dela. Agarrou-se à cara e começou depois a recuar aos tombos, direito a Christine, até que a nuvem de poeira o engoliu. Na cabeça dela fez-se luz. Tinham sido duas explosões: uma muito mais à frente e depois outra num carro muito mais perto – o vermelho, onde ela vira o homem ajoelhado. Os olhos de Christine arregalaram-se e ela girou no seu lugar. As mãos de Ethan estavam levantadas, os punhos cerrados como se o pequeno estivesse a chorar. *O homem também se agachara ao lado do carro dela!*

Tinham de sair dali.

Christine desapertou o cinto e empurrou a porta. O pó e o fumo já estavam a acumular-se e a entrar pela janela, mas agora envolviam-na como um espesso cobertor cinzento. Num instante, já não conseguia respirar. Inspirou o mais fundo que pôde para depois suste o ar, mas tudo o que conseguiu foi tragar uma baforada de fumo negro e pútrido que a fez tossir imediatamente. Já junto à porta de trás, abriu-a e enfiou-se no carro, que estava a encher-se rapidamente de fumo. O rosto de Ethan contorcia-se num grito – quase o conseguia ouvir.

Disse-lhe que ia ficar tudo bem. Ouvia a sua voz mais alta do que qualquer outra coisa. As mãos atropalharam-se com o botão vermelho do cinto da cadeira. Havia um truque, ela sabia-o; tinha de ser feito apenas com uma mão e com calma. Mas a mão tremia-lhe tanto, que mal conseguia dar com o botão. Obrigou-se a parar e acariciou a bochecha do filho com a mão livre, uma maneira de os acalmar a ambos. Tinham de sair dali. E tinha de ser já.

Firmou os dedos e sentiu o botão central ceder. As alças deviam ter-se desprendido de ambos os lados. Puxou-as; uma soltou-se, a outra não. Ela estava a puxá-la na oblíqua; sabia que tinha de o fazer em linha reta. Concentrou-se. Não ia conseguir sustentar a respiração por muito mais tempo. Tossiu e pareceu-lhe uma explosão dentro da cabeça. Ethan ainda estava a chorar. Então, o cinto soltou-se e ela introduziu o braço por baixo do filho, agarrou-o e puxou-o para perto de si. Sentiu a porta bater-lhe nas costas. Estava ciente de pessoas que passavam a correr pelo seu carro, para longe do que estava a arder. Começou a correr na mesma direção, mas chocou com alguém – uma pancada de lado com força suficiente para a deixar esparramada no chão. Usou um braço para amortecer a queda, o outro para segurar Ethan firmemente contra o peito, conseguindo assim evitar que ele tocasse no chão. Olhou para o outro lado, por baixo do seu próprio carro. Havia menos pessoas daquele lado. Ela podia atravessar e sair dali. O seu olhar foi atraído por um pacote do tamanho de um tijolo perto da roda traseira. Tinha um *smiley* desenhado. Por baixo, a palavra *Boom!* Christine paralisou apenas por um instante, levantando-se logo a seguir. Tinha de sair dali com o filho!

Correu para a entrada com a cabeça baixa. Precisava de ar, mas este ainda estava cheio de fumo. Respirá-lo era uma agonia. Ouvia outro rugido, que lhe pareceu mesmo atrás dela. Continuou a correr até que sentiu algo a atingi-la entre as omoplatas – com força suficiente para lhe arrancar o ar dos pulmões num gemido rouco. O braço direito também lhe estava a doer e as pernas pareciam prestes a ceder. A cabeça recusava-se a levantar-se, mas ela fez um esforço e viu o teto curvo, onde o fumo estava a ser sugado ao encontro da luz do dia. Já não estava longe. Fixou o olhar na saída e continuou a avançar. Sabia que estava a abrandar, as pernas a ficarem mais pesadas, como se estivesse a andar dentro de água.

Chegou à entrada e a luz envolveu-a de repente. Agora, estava rodeada de gente: algumas pessoas curvadas, engasgadas e a tossir; outras deitadas de costas. Alguém rasgou a luz, direito a ela. Estenderam-se braços que agarraram em Ethan. Ela deixou que o levassem. Conseguia sentir as suas forças a esvaírem-se e precisava de saber que ele estava seguro. Uma voz atravessou o algodão que parecia cobrir-lhe os ouvidos.

– Oh, meu Deus! – disse. – A senhora está bem?

Então, a luz intensa sumiu-se.